



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS**  
**CLÁSSICAS**

**ATOS PRÓ E CONTRA IMPEACHMENT**  
**Uma análise crítica de notícias do jornal O Globo**

Sarah de Oliveira Santana

11/0140087

Trabalho final da disciplina Seminário de Português como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Viviane Cristina Vieira.

Brasília, 2017.

## RESUMO

Este estudo é situado na Análise do Discurso Crítica (ADC) tendo como pressupostos teóricos os conceitos teórico-metodológicos de Fairclough, bem como as noções de ideologia de Thompson, e representação de atores sociais de Van Leeuwen. Segundo a ADC, discurso e sociedade mantêm uma relação dialética na qual um é constituinte do outro, dessa forma, a ADC se orienta para desvelar relações de poder obscurecidas no discurso que operam ideologicamente a favor de uma classe dominante. Foram escolhidas duas notícias veiculadas pelo O Globo, jornal integrante do maior conglomerado de mídia da América Latina, para compor o *corpus* da pesquisa. A primeira, a respeito a uma manifestação a favor do *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff; a segunda, em oposição ao *impeachment*. A análise crítica evidenciou que os modos de operação da ideologia, legitimação e fragmentação, são usados para representar os interesses da oposição do governo como se fossem os de todos os brasileiros, e marginalizar os grupos da base aliada ao governo. A representação dos atores sociais é evidenciada pela avaliação positiva dos protestos pró-*impeachment*, a exclusão do MBL como organizador do evento e coletivização do apoio ao juiz Sérgio Moro. Além disso, é identificada a diferença da escolha dos verbos em que os protestantes são sujeitos. Em relação aos grupos do primeiro protesto, os verbos têm valor semântico inofensivo, em relação os grupos do segundo protesto, os verbos têm carga semântica agressiva.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso Crítica. Mídia. Política.

## ABSTRACT

The present study is based on the Critical Discourse Analysis (CDA) using as theoretical assumptions the theoretical-methodological concepts of Fairclough, as well as concepts of ideology of Thompson and representation of social actors of Van Leeuwen. According to CDA discourse and society maintain a dialectical relationship in which one is part of another, therefore, the CDA is oriented to unveil relations of power obscured in the discourse that are ideologically directed to a ruling class. We have selected two political news issued by *O Globo*, a newspaper that is part of the largest media conglomerate in Latin America, to compose the research corpus. The first news argues in favor of the impeachment of then-president Dilma Rousseff, while the second one argues against it. The critical analysis has demonstrated that the modes of operation of the ideology, legitimation and fragmentation, are used to represent the interests of opposition as if they were the ones of the entire Brazilian population, and also to marginalize the government allies. The social actors' representation is evidenced by the positive evaluation of pro-impeachment protests, removal of MBL (*Movimento Brasil Livre* in Portuguese) as organizer of the event and collectivization of support for Judge Sérgio Moro. In addition, we have identified the difference in the choice of verbs in which protesters are the subject. Regarding the groups of the first protest, the verbs used in this case have harmless semantic value, while the verbs used for groups of the second protest have aggressive semantic value.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Media. Politics.

## **INTRODUÇÃO**

Este estudo tem como base teórica e metodológica a Análise do Discurso Crítica (ADC) por esta compreender uma abordagem científica transdisciplinar para estudos da linguagem como prática social (RAMALHO, 2012), implicando uma relação dialética entre discurso e a sociedade, onde o social constitui o discurso que, por sua vez, constitui o social (FAIRCLOUGH, 2003). Uma vez que o discurso contribui para a constituição das dimensões da estrutura social, especialmente das identidades sociais, Fairclough (2003 apud RESENDE & RAMALHO, 2011) apresenta que a ADC é orientada para investigar e mostrar conexões e relações que estão veladas nas relações de poder.

A partir desses pressupostos, analisarei criticamente duas notícias veiculadas pelo jornal O Globo em 2016. A primeira, aqui nomeada como Notícia 1, se refere a uma manifestação a favor do impeachment da então presidenta Dilma Rousseff; a segunda, Notícia 2, se refere a uma manifestação a favor da manutenção da presidenta no cargo. Na época, a comparação entre as duas manchetes foi motivo de debate nas redes sociais, despertando o meu interesse em analisá-las de forma científica. Aqui busco evidenciar, com base nos estudos de Thompson (1997; 2006) e van Leeuwen (1997; 2008) apresentados por Ramalho e Resende (2011) os modos de operação da ideologia usados em favor de um grupo dominante para manipular o discurso, e as formas de representação dos atores sociais nele presentes.

Para embasar teórica e metodologicamente este estudo e apresentar exemplos das análises, organizei o artigo em três seções. A primeira expõe teoricamente os pressupostos da ADC, bem como os conceitos de ideologia, hegemonia; os modos de operação da ideologia e representação de atores sociais. A segunda apresenta os passos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa e, na terceira, a análise das notícias sob a luz dos estudos de Fairclough (2001), Thompson (1997; 2002) e van Leeuwen (1997; 2008) todos apresentados por Ramalho e Resende (2011).

## **DISCURSO COMO PRÁTICA POLÍTICA E IDEOLÓGICA**

Segundo Fairclough (2001) a relação linguagem e a estrutura social é dialética. A ADC então é utilizada para investigar a mudança na linguagem a qual afeta intrinsecamente a mudança social. A partir do modelo tridimensional proposto pelo autor (2003, p. 101), entende-se que as práticas discursivas são parte das práticas sociais, e que os signos presentes no discurso são “socialmente motivados, isto é, que há razões para combinar significantes particulares a significados particulares (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103).

A prática social tem várias orientações, dentre elas, as orientações políticas e ideológicas. A primeira mantém e transforma as relações de poder e entidades coletivas entre as quais existem essas relações. A segunda, constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Para ilustrar essa relação dialética entre linguagem e sociedade, Fairclough (2001) traz os significados do discurso: acional, representacional e identificacional. Esses significados são relacionados, respectivamente, aos três eixos ontológicos de Foucault, os eixos do poder, do saber e do ser.

Resende e Ramalho (2011) descrevem (i) significado acional, ligado aos gêneros, como maneiras de interagir e relacionar-se com o outro, implicando relações com e sobre os outros; (ii) significado representacional, relacionado aos discursos, como maneiras de representar os aspectos do mundo, pressupondo assim controle sobre as coisas; e (iii) significado identificacional, relacionado aos estilos, como maneiras de identificar a si e aos outros, pressupondo identidades sociais e individuais. Ramalho (2012) afirma que embora cada significado tenha suas especificidades, a relação entre eles também é dialética.

Diante desses conceitos, é possível ligar o texto ao social, desvelando o caráter ideológico da prática discursiva e identificando os aparatos usados para legitimar o discurso hegemônico. Hegemonia é “o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122). As ideologias, por sua vez, são vistas pelo autor como significações ou construções da realidade que são construídas em várias dimensões das formas e sentidos das práticas discursivas,

contribuindo para a produção, reprodução ou a transformação das relações de dominação. Da mesma forma, Thompson (2002 apud ROCHA, 2016) entende ideologia como as formas como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de poder assimétricas, isto é, relações de dominação. Assim, entende-se ideologia como uma forma de manter a dominação por parte de um grupo hegemônico, e não um sistema de ideias de qualquer grupo social.

### **Mídia: aparelho ideológico para manutenção de discursos hegemônicos**

Fairclough (2001) caracteriza a mídia também como um aparelho ideológico do Estado, no qual veicula um discurso orientado ideologicamente. Caracterizada pelo autor como uma das dimensões da interação discursiva, as tecnologias de comunicação são divididas em dois tipos: a comunicação em duas vias versus comunicação em uma via; a mediada versus a não mediada. A comunicação pela imprensa seria uma comunicação mediada em uma via.

Ramalho (2012) a partir das concepções de Thompson afirma que na modernidade tardia essas relações envolvem participantes distantes no tempo e espaço e contêm baixa reciprocidade interpessoal, cria a “quase interação mediada”, categoria que se aproxima da comunicação mediada em uma via. Ramalho (2012, p. 162) afirma que “a extensa disponibilidade de informação e o fluxo da comunicação predominantemente em sentido único acarretam aumento significativo da capacidade de transmitir mensagens potencialmente ideológicas em escala global”.

Thompson (1995) afirma que o desenvolvimento das mídias de massa está relacionado ao surgimento do capitalismo e ao crescimento das tecnologias ligadas à produção, transmissão e recepção de formas simbólicas.

Segundo Sousa Santos (2011 apud SANTOS; VIEIRA, 2016), o aumento global das desigualdades acarreta uma revolta das elites contra a redistribuição de massa. Essas mudanças alteram estruturas sociais, refletindo em mudanças discursivas, assim, estabelecem uma nova ordem social baseada nas mídias sociais.

De tal forma, é possível analisar criticamente as duas notícias e entender como a mídia manipula ideologicamente o discurso e constrói a identidade dos atores sociais de cada movimento, uma vez que é possível caracterizar um grupo como dominante, e o outro dominado, a partir dos conceitos expostos por Santos e Vieira (2016), no

qual afirma que a “direita”, junto à mídia hegemônica aliada passaram a divulgar fatos negativos a respeito do governo da então presidenta Dilma a fim de impulsionar um movimento contra seu governo.

## **METODOLOGIA**

O caráter transdisciplinar da ADC dialoga com as Ciências Sociais buscando desvelar as relações de poder inseridas no discurso. De tal forma, são necessários critérios científicos para tal ação, uma vez que a análise sem embasamento torna-se mero ativismo (VAN DIJK, 2008 apud ROCHA, 2016).

No presente estudo buscou-se fazer uma análise do discurso comparativa com duas notícias veiculadas no jornal O Globo, na plataforma on-line, no formato de texto. A Notícia 1 foi veiculada no dia 14 de março de 2016; a Notícia 2, no dia 19 de março de 2016. Na época, as manifestações a favor do impeachment da presidenta Dilma se intensificaram partir da divulgação ilegal, pelo juiz Sérgio Moro, de grampos telefônicos que continham conversas entre a presidenta e o ex-presidente Lula.

Tendo em vista o caráter hegemônico da oposição ao governo Dilma, sendo aqui representada pelo MBL como organizador do movimento *pró-impeachment*, O Globo como mídia aliada, e Sérgio Moro - em oposição à Dilma e Lula; as notícias permitem uma análise crítica do discurso ideológico.

A escolha das notícias foi motivada pelo debate exposto nas redes sociais após a publicação da Notícia 2. O site “Carta Capital” publicou uma comparação entre as duas manchetes em relação às diferenças discursivas que O Globo apresentou ao tratar cada movimento individualmente. Instigada a analisar criticamente essas diferenças, optei por colocá-las como objeto desse estudo.

Para dar seguimento à análise, usarei os conceitos de hegemonia e ideologia de Fairclough (2003) e Thompson (2002) já expostos, nos quais se entende que ideologia está sempre a serviço de interesses de grupos dominantes a fim de sustentar relações de poder. Também me apoiarei na obra de Ramalho e Resende (2011), a qual apresenta o conceito dos modos de operação da ideologia proposto por Thompson (2002) e de representação dos atores sociais proposta por Van Leeuwen (1997),

Esses modos de operação da ideologia apresentados por Thompson são legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Essas ferramentas são usadas para expor ou mascarar uma relação de dominação, construir simbolicamente uma identidade, segmentar um grupo e reificar um fato.

Para compreender as formas de representação dos atores sociais, usaremos os conceitos propostos por Van Leeuwen (1997 apud RAMALHO e RESENDE, 2011). Conforme exposto pelas autoras, os estudos de van Leeuwen trazem à luz que as representações de práticas sociais são construídas por pessoas particulares e a partir de pontos de vista determinados, assim, representam os atores de formas diferentes. Esses modos não são relacionados a formas linguísticas em si, mas sim a escolhas semânticas; além disso, podem ter implicações ideológicas.

### **DILMA, LULA E ALIADOS: INIMIGOS DO BRASIL**

Com base no quadro teórico-metodológico apresentado, busquei analisar os modos de operação de ideologia usados pelo O Globo – integrante do grupo hegemônico, para manipular as informações a respeito dos dois protestos, as estratégias de representação de atores sociais para caracterizar cada ator e movimento, e a motivação por trás disso.

Quantos aos modos de operação da ideologia propostos por Thompson (2002) e apresentados por Ramalho e Resende (2011), é possível observar, logo na manchete de cada notícia, as diferenças entre os sujeitos. O discurso da Notícia 1 apresenta predominante o modo de operação legitimação, o qual é conceituado pelas autoras como “relações de dominação são apresentadas como legítimas” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 27), representando essas relações como justas e dignas de apoio.

No escopo da legitimação, temos suas estratégias típicas de construção simbólica: racionalização, universalização e narrativização. A universalização pode ser observada logo na manchete “Brasil vai às ruas contra Dilma e Lula e a favor de Moro”, no caso, o país inteiro é colocado como o sujeito. Em outros trechos, a nação também é colocada como protagonista do ator, como em “O Brasil viu ontem 3,6 milhões de pessoas tomarem as ruas” e “O Brasil viveu ontem a maior manifestação de sua História”. Essa estratégia consiste em expressar interesses específicos como interesses gerais, assim, o conjunto de protestos organizados, em sua maioria, pelo

Movimento Brasil Livre com apoio de outras entidades neoliberais (SANTOS e VIEIRA, 2016), são atribuídos a todos os brasileiros.

Na Notícia 2, por sua vez, a estratégia usada é oposta à universalização. Na manchete “Aliados de Dilma e Lula fazem manifestação em todos os estados” o sujeito é apresentado como um grupo determinado. Esse modo de operação nomeado fragmentação segmenta indivíduos e grupos que possam apresentar ameaça ao grupo dominante. A estratégia simbólica aqui usada é a diferenciação, que enfatiza a distinção e divisão entre os grupos sociais, com o objetivo de desuni-los. A mesma estratégia pode ser observada em outros trechos como “PT reúne 275 mil” e “CUT, sindicatos, movimentos sociais e o PT conseguiram mobilizar manifestantes pró-Dilma e Lula”. Logo, o intuito de diferenciar os sujeitos é impedir a simpatia e o sentimento de pertencimento do leitor em relação aos atos contra o *impeachment* da presidenta, em oposição à estratégia usada na Notícia 1, que induz que o interesse de um grupo específico seja entendido como desejo da maioria, justificando suas pautas.

Ainda sob a operação da legitimação e fragmentação, podemos identificar as estratégias de racionalização e expurgo do outro nos mesmos trechos. São expostas informações sobre investigações sobre Dilma e Lula para conceber uma imagem negativa dos dois, como “criminosos”. Na Notícia 1 as menções às “investigações sobre o tríplex de Guarujá”, ao ex-presidente como “alvo da Operação Lava-Jato” e “acusado pelo Ministério Público de lavagem de dinheiro e falsidade ideológica”, além de Dilma como “ré” do rito de *impeachment*, constroem uma linha de raciocínio para justificar as ações do grupo hegemônico da “direita”, compondo a racionalização. Na mesma linha, procura-se caracterizá-los como inimigos da sociedade e desmoralizá-los, ação também presente na escolha da reprodução direta, na entrada da notícia, do discurso de um protestante, “Temos que tirar Dilma para salvar o Brasil”, reafirmando assim a ideia de que a então presidenta era adversária da população.

Sob a luz da representação de atores sociais de van Leeuwen (1997) apresentada por Resende e Ramalho (2011), é possível identificar no *lead* da Notícia 1, “Protesto pacífico reuniu 3,6 milhões de pessoas”, uma avaliação positiva dos protestos pró-*impeachment* caracterizados como “pacíficos”. Vale ressaltar que nesse mesmo trecho o “protesto” é o agente da oração, excluindo mais uma vez o MBL e demais organizadores como responsáveis pelo evento; o que pode ser contrastado com a

maneira apresentada no *lead* da Notícia 2, na qual responsabiliza o PT pela manifestação.

Os verbos também foram escolhidos de modo a atenuar a negatividade da ação por parte dos manifestantes a favor do impeachment e acentuar por parte dos manifestantes contra o impeachment. A eufemização é estratégia simbólica da dissimulação – modo de operação da ideologia que mascara ou nega relações de poder –, que segundo Cardoso (2015, p. 30) “apara as pontas de negatividade daquilo que se pretende valorizar positivamente”. Essa estratégia pode ser identificada nos trechos “3,6 milhões de pessoas foram às ruas (...) para pedir a saída da presidente Dilma”, “Dilma e Lula fossem os alvos centrais das críticas” e “Aécio Neves e o governador Geraldo Alckmin (...) acabaram sendo hostilizados por manifestantes”. Por outra via, ao se referir aos manifestantes em favor de Dilma, o jornal escolhe o verbo “atacar”, atribuindo um sentido de campo de guerra (FAIRCLOUGH, 2001) nos trechos “manifestantes atacavam as decisões judiciais”, “Fernando Haddad atacou a publicidade das gravações”, “ataques a Sérgio Moro”. Da mesma forma, denota diferenças em relação à convocação do evento. Na Notícia 1 afirma que o “protesto pacífico reuniu”; na Notícia 2, apresenta que “CUT, sindicatos, movimentos sociais e o PT conseguiram mobilizar”, a diferença entre os dois verbos induz que o primeiro evento aconteceu de forma mais espontânea, o segundo, não, uma vez que a estrutura “conseguiram mobilizar” tem uma carga semântica relacionada à dificuldade. Ainda vale destacar a eufemização presente ao se referirem às imagens de Lula e Dilma que foram usadas nas manifestações pró-*impeachment* como “alegorias irreverentes”.

Para deslegitimar o segundo evento em relação ao primeiro, o jornal comparou os dois eventos em vários trechos da Notícia 2. É construída uma noção de grandeza a respeito do ato pró-*impeachment*, como “PT reúne 275 mil, 7% do público dos protestos de domingo pelo impeachment”, “Cinco dias após o maior protesto da história”, e “ocuparam 11 quarteirões, 12 a menos que nas manifestações anti-Dilma”. Também nota-se que na Notícia 2 foram apresentadas três estimativas divergentes, a primeira em “segundo estimativas oficiais, 275 mil pessoas participaram dos atos de ontem”; a segunda, “a PM estimou a presença de 269 mil pessoas”; a terceira, “os organizadores, 1,2 milhão de manifestantes”. Apesar da

contradição numérica, tenta deslegitimar a contagem dos organizadores colocando as estimativas “oficiais” e da PM, aqui colocada como autoridade, como verdade.

Por fim, é importante destacar figura do juiz Sérgio Moro como parte da relação protagonista-antagonista (SANTOS e VIEIRA, 2016). Presente logo na manchete da Notícia 1 “Brasil vai às ruas contra Dilma e Lula e a favor de Moro”, o texto dá ênfase nas “homenagens” feitas ao juiz pelos manifestantes “de norte a sul do país (...) num aval explícito à Operação Lava-Jato”, incluindo Moro como parte da coletividade, e dando espaço de fala para seus agradecimentos, que no texto, foram reproduzidos de maneira direta. Na Notícia 2, o jornal destaca as críticas dos manifestantes ao juiz – que publicou de forma ilegal as conversas entre Dilma e Lula - reservando uma parte do texto para reproduzir os comentários de forma direta.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A mídia como aliada da elite dominante opera em favor da manutenção de ideologias hegemônicas, usando estratégias para manipular a verdade por meio do discurso. É notável a tentativa de legitimar relações de poder, obscurecendo os verdadeiros interesses do grupo dominante, além de construir uma narrativa para representar atores sociais de grupos de oposição de forma negativa nas notícias aqui apresentadas, a fim de perpetuar relações presentes na sociedade. Apesar de Dilma ter sido reeleita em 2014 e não ter sido provado nenhum crime relacionado a ela e ao ex-presidente Lula, o jornal O Globo caracteriza os dois como inimigos da população e desenvolve a ideia de que todo o País desejava assim como a saída do governo PT.

### **REFERÊNCIAS**

BRUM, K. D. G. **A guerra do Iraque em discursos presidenciais: um estudo discursivo**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

CARDOSO, I. C. B. **Discursos sobre violência sexual contra a mulher no webjornalismo e nas redes sociais**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Editora UnB. Brasília, 2001.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. **Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ROCHA, J. V. P. D. **Diferenciação racial de traficantes de drogas na mídia**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

RAMALHO, V. **Gêneros discursivos e ideologia: Elementos para estudos críticos**. In: Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 2012.

SANTOS, T. C.; VIEIRA, V. C. **Representações da Presidenta Dilma Rousseff pelo “Movimento Brasil Livre”**. Revista Discurso & Sociedad. v. 10 n. 4, p. 588-609, 2016. Disponível em: <[http://www.dissoc.org/ediciones/v10n04/DS10\(4\)Carvalho&Vieira.html](http://www.dissoc.org/ediciones/v10n04/DS10(4)Carvalho&Vieira.html)>. Acesso em: 22 jun. 2017.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

## ANEXOS

### Notícia 1 – Brasil vai às ruas contra Dilma e Lula e a favor de Moro

05/07/2017

Infoglobo - O Globo - 14 mar 2016 - Brasil vai às ruas contra Dilma e Lula e a favor de Moro

Próxima notícia

14 mar 2016 | O Globo

# Brasil vai às ruas contra Dilma e Lula e a favor de Moro

Protesto pacífico reuniu 3,6 milhões de pessoas em 326 cidades de todos os estados e no Distrito Federal

*"Temos que tirar a Dilma para salvar o restante do Brasil. Ela não fala coisa com coisa, demora a atuar em diversas situações" LUCIANO DAMIÃO ( RJ) Funcionário público "Estamos sem governo, então qualquer manifestação é válida. Mas a minha grande preocupação é que não temos ninguém para colocar no lugar" ALCEBÍADES MARCIAL ( RJ) Engenheiro aposentado*

Insatisfação da população aumenta a pressão sobre o governo, no início de uma semana decisiva — o processo sobre o impeachment deverá ter seguimento na Câmara na quinta- feira. Aliados da presidente admitem que situação se agrava



PABLO JACOB

**Rio de Janeiro. A orla de Copacabana foi tomada por manifestantes que protestaram contra o PT e Lula e pediram a saída da presidente Dilma do Planalto: faixas e cartazes deram apoio ao juiz Sérgio Moro e à Operação Lava- Jato**

Na maior manifestação de sua História, o Brasil viu ontem 3,6 milhões de pessoas tomarem as ruas de 326 cidades de todos os estados e do Distrito Federal, para exigir a saída de Dilma Rousseff do cargo. A presidente terá uma semana decisiva para seu mandato: na quinta- feira, o processo sobre o impeachment deverá ter seguimento na Câmara dos Deputados. O ex- presidente Lula também foi alvo dos protestos, inspirados nas investigações sobre o tríplex de Guarujá e o sítio de Atibaia, transformados em alegorias irreverentes em várias capitais. Manifestantes homenagearam em todos os atos o juiz Sérgio Moro, responsável na primeira

<http://oglobodigital.oglobo.globo.com/epaper/viewer.aspx>

1/2

instância pela Lava- Jato. Máscaras e camisetas lembravam o magistrado, que agradeceu se dizendo "tocado" pelo apoio à operação. Em nota, o Palácio do Planalto destacou o tom pacífico dos protestos. Líderes dos partidos aliados ao governo admitiram que o movimento histórico aumentará a pressão pelo impeachment de Dilma. Em quase todos os estados, o número de manifestantes superou o de março de 2015. - BRASÍLIA, RIO E SÃO PAULO- O Brasil viveu ontem a maior manifestação de sua História. No início de uma semana decisiva para o processo de impeachment, 3,6 milhões de pessoas foram às ruas, em ao menos 326 cidades de todos os estados do país, pedir a saída da presidente Dilma Rousseff. O ex- presidente Lula, alvo da Operação Lava- Jato, se tornou também personagem- chave. Alegorias inspiradas no triplex no Guarujá, no sítio Santa Bárbara, em Atibaia, e no pedalinho usado pela família de Lula no lago do sítio, foram levadas às ruas pelos manifestantes.

Os próximos dias serão decisivos. Na quarta-feira, o Supremo Tribunal Federal deverá julgar os recursos ao rito do impeachment e, na quinta-feira, o processo voltará a andar na Câmara dos Deputados. Enquanto isso, os olhares estão voltados para a juíza Maria Priscilla Veiga Oliveira, da 4ª Vara Criminal de São Paulo, que tem em mãos um pedido de prisão contra o ex- presidente, acusado pelo Ministério Público de lavagem de dinheiro e falsidade ideológica.

Em quase todos os estados, o número de manifestantes superou o de março de 2015, inclusive no Nordeste, que sempre concedeu vitórias expressivas a Lula e a Dilma, nas eleições. De verde e amarelo, os manifestantes usaram criatividade e bom humor para tratar dos temas que têm tomado conta do noticiário político recente. Pixulecos em referência a Lula, vendidos a R\$ 10, esgotaram nas mãos dos ambulantes. Os presidentes da Câmara, Eduardo Cunha ( PMDB- RJ), e do Senado, Renan Calheiros ( PMDB- AL), investigados pela Lava- Jato, não foram esquecidos.

O juiz Sérgio Moro foi homenageado de norte a sul do país, com direito a máscaras e camisetas, num aval explícito à Operação Lava- Jato. À tarde, Moro soltou nota dizendo ter ficado "tocado" pelo apoio às investigações: "Apesar das referências ao meu nome, tributo a bondade do Povo brasileiro ao êxito até o momento de um trabalho institucional robusto que envolve a Polícia Federal, o Ministério Público Federal e todas as instâncias do Poder Judiciário".

Líderes dos principais partidos da base aliada da presidente já admitiam, horas depois do protesto, que as manifestações terão forte impacto sobre o processo de afastamento. Embora Dilma e Lula fossem os alvos centrais das críticas, a insatisfação geral com a classe política ficou clara pelas vaiais dirigidas aos principais líderes de oposição presentes em São Paulo e no Rio.

O senador Aécio Neves e o governador Geraldo Alckmin, que travam uma disputa interna no PSDB pela candidatura presidencial do principal partido opositorista em 2018, foram juntos à Avenida Paulista e acabaram sendo hostilizados por manifestantes que acompanhavam a chegada. O mesmo ocorreu com políticos que tentaram falar em microfones no Rio de Janeiro.

A presidente Dilma passou o dia no Palácio da Alvorada e lá se reuniu, no fim da tarde, com assessores e ministros do PT. No começo da noite, optou por divulgar uma nota protocolar assinada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência. Em dois parágrafos, a presidente exaltou a liberdade de manifestação, "própria das democracias", e enfatizou que os protestos pacíficos demonstram "maturidade de um país que sabe conviver com opiniões divergentes".



Em um gesto claro em direção à sua base social, Dilma havia divulgado mais cedo uma dura nota oficial condenando a pichação da sede da União Nacional dos Estudantes ( UNE), em São Paulo, no sábado, e a ação de policiais armados na sexta-feira durante uma plenária em apoio a Lula.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

Próxima notícia

## Notícia 2 – Aliados de Dilma e Lula fazem manifestação em todos os estados

05/07/2017

Infoglobo - O Globo - 19 mar 2016 - Aliados de Dilma e Lula fazem manifestação em todos os estados

Próxima notícia

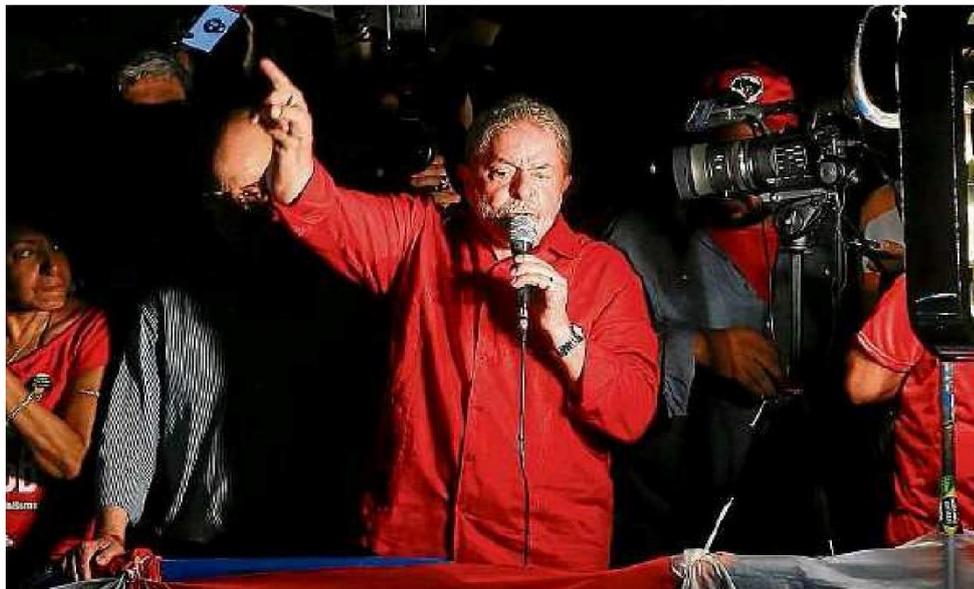
19 mar 2016 | O Globo

# Aliados de Dilma e Lula fazem manifestação em todos os estados

PT reúne 275 mil, 7% do público dos protestos de domingo pelo impeachment

*"Ao aceitar ir para o governo eu virei outra vez Lulinha paz e amor. Eu vou lá não para brigar mas para ajudar a presidenta. E não vou lá achando que aqueles que não gostam de nós são menos brasileiros do que a gente" Luiz Inácio Lula da Silva Ex-presidente da República*

Em discurso na Avenida Paulista, ex-presidente reedita versão 'paz e amor' e diz que terá cargo de ministro no governo para restabelecer a paz; atos governistas tiveram shows para animar a militância



ANDRE PENNER/AP

**No palanque. Lula pede entendimento: "Eu não quero que quem votou no Aécio vote em mim, nem quem votou na Dilma vote nele. O que eu quero é que a gente aprenda a conviver"**

Cinco dias após o maior protesto da História, que reuniu pelo menos 3,6 milhões nas ruas do país pedindo o impeachment da presidente Dilma, ontem CUT, sindicatos, movimentos sociais e o PT conseguiram mobilizar manifestantes pró-Dilma e Lula em todos os estados. Segundo estimativas oficiais, 275 mil pessoas participaram dos atos de ontem, ou 7% do público de domingo. Na Avenida Paulista, os manifestantes ocuparam 11 quarteirões, 12 a menos que nas manifestações anti- Dilma. Os protestos em favor do governo tiveram shows e foram realizados num dia de semana, após o expediente. O anterior, no domingo. Ameaçado de prisão e sob pressão por grampos da Lava-Jato, Lula foi à Paulista e reencarnou a versão "paz e amor". As críticas dos manifestantes se concentraram no juiz Sérgio Moro. Com a posse na Casa Civil do governo Dilma Rousseff ameaçada por liminares judiciais, surpreendido pela dimensão do protesto pró- impeachment no domingo passado e diante da divulgação de conversas privadas que levantam suspeita sobre tentativa de obstrução à Justiça, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva apresentou-se ontem em uma versão repaginada do "Lulinha paz e amor" a uma multidão de militantes de esquerda na Avenida Paulista. Enquanto nas ruas os

<http://oglobodigital.oglobo.globo.com/epaper/viewer.aspx>

1/3

manifestantes atacavam as decisões judiciais contra Lula, o petista se esquivou de tocar no assunto e defendeu que não há espaço para ódio no país, aconselhando todos a não aceitarem provocações.

— Na hora em que a companheira Dilma me chamou eu hesitei muito. Ao aceitar ir para o governo veja o que aconteceu comigo: eu virei outra vez Lulinha paz e amor. Eu vou lá não para brigar mas para ajudar a presidenta fazer as coisas que têm que ser feitas nesse país. E não vou lá achando que aqueles que não gostam de nós são menos brasileiros do que a gente ou que a gente é mais brasileiro que eles — disse.

Em 27 de fevereiro, na festa do aniversário dos 36 anos do PT, Lula, em um dos discursos mais inflamados das últimas semanas, havia decretado a morte do “Lulinha paz e amor”. Ontem, a estratégia mudou. O estilo raivoso e de confronto que vinha adotando desde que foi alvo da condução coercitiva foi deixado de lado.

Apesar de cartazes e faixas contra o juiz Sérgio Moro e o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, o ex-presidente centrou seus ataques na oposição. Ele acusou os derrotados na última eleição de não saberem perder. Lula falou muito sobre a defesa da democracia.

— Tem gente neste país que falava em democracia da boca para fora. Eu perdi eleições em 1989, 1994, 1998 e, em nenhum momento, vocês me viram ir pra rua protestar contra quem ganhou. Eles acreditaram que iam ganhar. E quando a presidenta Dilma ganha, eles que se dizem social democratas e estudados, estão atrapalhando Dilma de governar — disse, complementando:

— Eu não quero que quem votou no Aécio vote em mim nem quem votou na Dilma vote nele. O que eu quero é que a gente aprenda a conviver de forma civilizada com as nossas diferenças.

Ao chegar ao ato, de cima do carro de som, o ex-presidente, que vestia uma camisa vermelha, gritou com a multidão “Não vai ter golpe”.

— Eles vestem roupa amarela e verde para dizer que são mais brasileiros do que nós. Corte a veia deles para ver se o sangue é verde e amarelo. É vermelho, como o nosso. Eles não são mais brasileiro que nós. Eles são o tipo que vão para Miami comprar roupa e a gente compra na 25 de Março.

No fim do pronunciamento, de quase meia hora, o ex-presidente conclamou a militância a não se envolver em confusão.

— Vocês, ao voltarem para casa, não aceitem provocação. Quem quiser ficar com raiva, que morda o próprio dedo.

Falando como ministro, Lula disse que fez a Dilma um único pedido.

— Eu falei para ela: ‘Dilma, eu não vou pedir muito para você. Eu só quero que você sorria pelo menos dez vezes por dia. Deixa de ficar mal-humorada para governar esse país com a tranquilidade que você precisa. Na terça-feira eu vou levar para ela uma fotografia disso aqui para ela ver que nem tudo em São Paulo é negativo — disse, garantindo que na próxima semana estará “servindo” à presidente.

Até chegar ao palco da Avenida Paulista, as primeiras palavras públicas de Lula sobre a divulgação da conversa entre ele e Dilma gramepada pela Lava-Jato tinham sido por meio de uma carta aberta à nação na noite de quinta-feira. No texto, ele disse ter sido vítima de “atos injustificáveis de violência” ao se referir à gravação telefônica e também fez um gesto ao Judiciário, dizendo acreditar na Justiça. Ontem o ex-presidente não mencionou a divulgação das suas conversas pessoais. Esse papel coube às lideranças que o acompanharam.

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, atacou a publicidade de gravações sobre a intimidade da família do ex-presidente pela Lava-Jato:

— Isso é uma violência. Ninguém pode ter suas conversas íntimas publicadas para deboche das pessoas.

#### ATAQUES A SÉRGIO MORO

O presidente da CUT, Vagner Freitas, defendeu que o país se “livre” do juiz Sérgio Moro:

— Esse é um ato pela democracia. Aqui não tem ninguém que quer fazer do ódio sua palavra ou dividir o Brasil em dois. O Brasil está sofrendo um golpe da democracia onde um juiz acha que pode substituir o voto. Quem manda somos nós que temos voto. O Moro não gramepou o Lula e a Dilma, mas a democracia, o estado de direito e o Brasil. Vamos nos livrar do Moro.

A manifestação em São Paulo, que teve 80 mil pessoas segundo a Polícia Militar e 380 mil na estimativa dos organizadores, foi a maior entre todas as realizadas em 55 cidades dos 26 estados e do Distrito Federal em favor do governo. Em todo o país, a PM estimou a presença de 269 mil pessoas, e os organizadores, 1,2 milhão de manifestantes.

No Rio, a Praça XV foi o ponto escolhido pelos manifestantes. O ato, em tom cultural, teve, entre outras, a presença de artistas e intelectuais, como o cantor Geraldo Azevedo e a atriz Letícia Sabatella. O protesto foi marcado por palavras de ordem contra Eduardo Cunha e Sérgio Moro. Houve pedidos pela candidatura de Lula em 2018.

Em Brasília, a concentração ocorreu no Museu da República. Participaram do ato o ex-ministro Gilberto Carvalho e o filho do ex-presidente Jango, João Vicente Goulart, que questionaram a divulgação da gravação entre Dilma e Lula.

